

**Rivalidade entre as escolas estaduais de Belém-Pa: uma reconstrução histórica a partir dos jornais impressos da década de 1970<sup>i</sup>**

*Rivalry among the state schools of Belem-Pa: a historical reconstruction from the printed newspapers of the 1970's*

Geórgia Carneiro da Silva  
Livia Sousa da Silva  
**Universidade Federal do Pará (UFPA)**  
Belém-Brasil

**Resumo**

O presente artigo tem como objetivos principais: a) Investigar o processo de significação acerca das rivalidades entre as escolas no discurso do jornal *O Liberal* no período proposto; e b) Sobrelevar os símbolos aperfeiçoantes que emergem dessa tessitura discursiva e colaboram para uma imagem de juventude, escola e sociedade. É uma pesquisa documental, cujo *corpus* constituiu-se de trinta e oito (38) matérias relativas ao período da Semana da Pátria em cada ano da década de 1970. A análise considerou o arcabouço teórico-metodológico da mitodologia durandiana, o que proporcionou subsídios para melhor identificar como o imaginário republicano socioeducacional colaborou para a conformação de uma rivalidade entre as escolas, inextricavelmente relacionada às proposições de ritos pelos quais esses alunos jovens da cidade submetiam-se, em busca de reconhecimento, valoração e pertença social.

**Palavras-chave:** Festa Cívica; Jornais; História da Educação.

**Abstract**

The main objective of this article is to: a) Investigate the process of meaning about rivalries between schools in the discourse of *O Liberal* in the proposed period; and b) elevate the perfecting symbols that emerge from this discursive fabric and contribute to an image of youth, school, and society. This is documental research, whose *corpus* consisted of thirty-eight (38) articles relating to the period of homeland week in each year of the 1970s. The analysis considered the theoretical-methodological framework of Durandian mythology, which provided subsidies to better identify how the republican socio-educational imaginary contributed to the formation of a rivalry between schools, inextricably related to the propositions of rites by which these young students from our city submitted, in search of recognition, valuation, and social belonging.

**Keywords:** Civic Party; Newspapers; History of Education.

## **1. Introdução**

Sob a perspectiva de fazer avançar os limites de compreensão acerca das interrelações do imaginário republicano, espreado no âmbito educacional das festas cívicas e o engendramento da rivalidade entre as escolas estaduais em Belém-Pa que colocou-se, como propósito deste estudo, investigar o processo de significação acerca das rivalidades entre as escolas no discurso do jornal impresso O Liberal na década de 1970; e, dessa forma, sobrelevou-se os símbolos aperfeiçoantes que emergem dessa tessitura discursiva e colaboram para uma imagem de juventude, escola e sociedade.

Sabe-se que a República brasileira assimila o ideário grego de cidade-estado, ideias revolucionárias francesas, do liberalismo norte-americano e fomentado no Brasil por segmentos dos mais diversos e com interesses, muitas vezes, até divergentes, como: evolucionistas, revolucionários, positivistas, jacobinos, ex-escravos, imigrantes, pobres etc., que obviamente entraram em disputas acerca do seu significado e fundamentos no Brasil, assim como do papel reservado à educação nesse processo (MATTOS, 1989; BAPTISTA, 2004).

No entanto, ao final do século XIX e início do XX, o segmento militar ganhava confiança e constituía-se como autoridade de grande reconhecimento entre a população brasileira; tanto por organizar-se enquanto um grupo intelectualizado que refletia sobre sua própria organização e a insatisfação com o regime imperial; quanto por suprir certas necessidades sociais e educativas frente à pobreza. Dessa forma que, certas camadas, passam a considerar o exército como a única alternativa para se ter acesso a uma “boa” educação, principalmente para meninos pobres e órfãos, atendendo tanto ao problema da pobreza, quanto produzindo mão de obra para uma sociedade posteriormente crescentemente industrializada (ALVES, 2003).

Não “à toa” que republicanos civis buscaram essa aliança com os militares em “prol” da Proclamação da República, justamente por reconhecer a capacidade de intervenção e de adesão da população à figura do exército, aliança essa decisiva para a concretização da República, surpreendendo a todos, ao tomar o poder após a deposição do imperador e ali permanecendo por quase cinco anos (ALVES, 2003).

Dessa maneira, os “alicerces de nossa pátria” foram constituindo-se, a partir desses ideários múltiplos, tomados por um golpe militar com o objetivo de educar pobres e órfãos como “guerreiros” (disciplinados, obedientes) e pela profissionalização – a formação do

operário, mobilizando o apoio de uma população sem instrução e muito grata por ver no exército uma chance de inserção social, de educação e de trabalho.

Uma tradição que segue na esteira da história. Mais uma vez, no período varguista viveu-se uma ditadura, dessa vez civil, mas onde havia o mesmo apelo nacionalista de “amor à pátria”, em que a educação, principalmente dos jovens estudantes, colaborou para a reiterada necessidade de um “consenso coletivo” por valores cívicos, nacionalistas e de apoio ao governo a partir das comemorações cívicas que aconteciam nas grandes vias públicas do país (SILVA, 2009).

Com a instauração em 1964 de um novo golpe militar, outra “onda” nacionalista interpõe-se onde crianças e jovens tornam-se público-alvo prioritário para reacender os valores cívicos por meio de uma educação que os guiasse o caráter, o amor à pátria e o progresso da nação (GUILHERME, 2011). De maneira simplificada, esse investimento apostou na utilização da propaganda e midiaticização do regime, em alterações educacionais em nível de legislação, retomando a Educação Moral e Cívica (EMC), a profissionalização da juventude, e a permanência dos centros cívicos que serviam tanto à formação moral e cívica quanto para vigilância da juventude, significando uma política de repressão.

Não se deve, portanto, negligenciar que a formação do povo brasileiro foi atravessada desse imaginário de uma sociedade militarizada como algo “bom”. Símbolos, mitos e discursos foram historicamente construídos, socializados e reatualizados, por meio das festividades cívicas no âmbito educacional; de modo que seja compreensível que muitas pessoas, ainda hoje, cedam as tentativas de reatualização da militarização da educação por apelos às cores da bandeira brasileira, ao hino, à nacionalidade, à profissionalização, acesso ao trabalho, e a representação dos esportes como símbolo nacional.

De outra forma, a rivalidade entre as escolas em Belém é matéria muito antiga, mas não se encontrou nenhum trabalho acadêmico<sup>ii</sup> que tratasse delas e pudesse dar pistas de sua história e/ou de suas motivações. É simplesmente inquietante que um fenômeno tão antigo nessa sociedade, não tenha ainda animado qualquer iniciativa de estudo e esforço de reflexão e/ou compreensão. Por isso, problematiza-se sua persistência histórica o que, em boa medida, justificou a relevância acadêmico-social desta empreitada de pesquisa.

## **2. Construções Teórico-Methodológicas**

Trata-se de uma pesquisa documental, cujos dados foram levantados na hemeroteca da Biblioteca Pública Arthur Vianna. Prestigiou-se os jornais impressos, no intervalo temporal da década de 1970, movidos por indícios de potencial noticiabilidade<sup>iii</sup> desses episódios de rivalidade nas festividades cívicas da Semana da Pátria. As análises empreendidas recaem, principalmente, sob a perspectiva durandiana do discurso simbólico (DURAND, 1985; 1993; 1997; 2010).

O foco esteve direcionado às matérias do mês de setembro, justamente por esse ser o mês em que ocorre comemorações à Semana da Pátria, cuja programação envolve o desfile estudantil do Dia da Raça, contexto visto, na contemporaneidade, ser palco de episódios violentos a partir das rivalidades.

Para isso, utilizou-se a técnica do Inventário para uma primeira aproximação à leitura e apreciação das peças jornalísticas. De maneira geral, inventariar traduz-se em duas fases, segundo Lopez (2002): a) constituir uma introdução que tem por objetivo uma descrição geral do conjunto ou da série investigada; e b) uma descrição mais pormenorizada do conteúdo das fontes.

Autores, como Silva e Petry (2011), ensinam que o inventário não substitui a pesquisa histórica e nem mesmo a análise, mas contribui com esta, ao estabelecer parâmetros de classificação e de organização. Para os intentos desta pesquisa, a constituição do inventário contribuiu para a seleção das seguintes informações nas matérias: *ano, título da matéria, descrição geral, mitemas, imagens, escolas mencionadas, descrição do discurso*. O inventário proporcionou observar os dados de maneira sistematizada, conforme orienta Prado e Morais (2011).

**Quadro 1** – Resumo do Corpus de matérias de *O Liberal* analisadas

<b>ANO</b>	<b>TÍTULO</b>	<b>RESUMO</b>
1971	Festa da independência abriu com fôgo simbólico (FESTA..., 1971, p. 06).	Abertura da semana da pátria com cerimônia para acender uma pira cívica.
1971	Manhã de sol na festa dos Jopagico (MANHÃ..., 1971, p. 06).	Abertura do JOPAGICO (Jogos Paraenses Ginásio-Colegiais).
1971	Escolares dão adeus ao desfile na praça (ESCOLARES..., 1971, p. 06).	Preparação dos militares em sua rotina para o desfile. E a mudança de local de realização do desfile.
1971	Juventude: confiança no Brasil de amanhã (JUVENTUDE..., 1971, p. 08).	Repercussão do Desfile escolar na praça.

1971	Missas, sirenes e desfile marcam o 7 de setembro (MISSAS..., 1971, p. 06).	Desfile dos militares (Marinha, exército, aeronáutica, bombeiros, polícia militar, polícia rodoviária).
1972	Hoje a abertura da semana da pátria (HOJE..., 1972, p. 12).	Abertura da Semana da Pátria e dos Jogos Estudantis.
1972	17 mil jovens no desfile do dia da raça em Belém (17 MIL..., 1972b).	Chamada de capa para o desfile.
1972	17 mil estudantes desfilam comemorando o dia da raça (17 MIL..., 1972a, p. 06).	Primeira vez que há citação da relação direta entre "Torcidas Organizadas" e violência.
1972	Foi assim o desfile do dia da raça em Belém (FOI..., 1972, p.10).	Conjunto de imagens (fotos) do desfile.
1973	Subúrbios em festa com o desfile da juventude (SUBÚRBIOS..., 1973, p. 11).	Desfile do ensino primário e primeiro grau.
1973	Quinze mil jovens no desfile hoje (QUINZE..., 1973, Capa).	Resume a apresentação das crianças do dia anterior e apresenta a dos jovens do dia da Raça.
1973	Os colégios que desfilaram ontem em homenagem à raça (OS COLÉGIOS..., 1973, p. 10).	Apresenta todas as escolas participantes do desfile. Criação, direção.
1974	Manhã de garbo e civismo em todos os subúrbios com o desfile dos colegiais (MANHÃ..., 1974, p. 09).	Desfile das escolas de 1º grau, que acontecia nos próprios bairros.
1974	Homenagem ao "O Liberal" no desfile (HOMENAGEM..., 1974, p. 12).	Autorreferenciação nas homenagens que recebeu no desfile.
1974	Navio da marinha do Peru chega para festejos do dia 7 (NAVIO..., 1974, p. 15).	Vinda de um navio do Peru, cujos oficiais teriam vindo participar do desfile dos militares no dia 7.
1974	O canto de cinco mil estudantes (O CANTO..., 1974, p. 16).	Festival de Canto Orfeônico.
1974	Mais de 15 mil escolares desfilaram no dia da raça (MAIS..., 1974, p. 15).	Desfile do dia da raça. Desfile estudantil.
1974	Povo aplaudiu juventude (POVO..., 1974, p. 16).	Repercussão desfile escolar.
1974	Desfile começa às 9h (DESFILÉ..., 1974, p. 12).	Desfile dos militares (Marinha, exército, aeronáutica, bombeiros, polícia militar, polícia rodoviária).
1975	Na semana da Independência (NA SEMANA..., 1975, p. 05).	Chamada e preparativos para a parada estudantil e detalhes da apresentação de canto orfeônico que esse ano abre a programação da Semana da Pátria.
1972	Carmo foi atração do desfile sem falhas (CARMO..., 1972, p. 11).	Repercussão desfile escolar e chamada para a parada militar do dia seguinte.
1975	No desfile da juventude, sons, ritmos e cores (NO DESFILÉ..., 1975, p. 04).	Os pormenores do desfile estudantil. Muitas imagens.

*Rivalidade entre as escolas estaduais de Belém-Pa: uma reconstrução histórica a partir dos jornais impressos da década de 1970*

1975	Desfile de 7 de setembro começa às 9h (DESFILE..., 1975, p. 07).	Mudanças no trânsito em virtude da parada militar. E, sobre sua organização.
1975	Dez mil homens desfilam hoje na Presidente Vargas (DEZ..., 1975, p. 10).	Detalhes da organização do desfile militar.
1976	Mulheres foram mais no desfile (MULHERES..., 1976, Capa).	Uma chamada de capa com imagem para destacar o número de participação maior de estudantes mulheres, "inclusive nas bandas marciais", como destaca a matéria.
1976	Organização marcou o desfile escolar (ORGANIZAÇÃO..., 1976, p. 18).	Descrição dos destaques do desfile estudantil.
1976	Festejos do "dia da Raça" sem qualquer anormalidade (FESTEJOS..., 1976, p. 19).	Descrição dos destaques do desfile estudantil.
1976	O toque certo para o passo certíssimo (O TOQUE..., 1976, p. 20).	Destaque para a beleza das mulheres que teriam superado numericamente os homens no desfile.
1976	50 minutos de civismo na praça (50 MINUTOS..., 1976, p. 10).	Cobertura da parada militar.
1977	Hoje a abertura dos festejos da pátria (HOJE..., 1977, p. 12).	As condições de tráfego durante o desfile. Menção ao concurso de vitrines. Os desfiles isolados de bairro. E, sobre a ordem de desfile das escolas, os serviços de atendimento, da programação da semana.
1977	Festa dos estudantes marca início da semana da pátria (FESTA..., 1977, p. 12).	Trata das apresentações da abertura da Semana e pormenores dos desfiles isolados de bairro.
1978	Desfiles de ontem reuniram cerca de dez mil escolares (DESFILES..., 1978, p. 20).	Repercussão do desfile de bairro, das atividades esportivas, e mudanças no tráfego.
1978	Sete mil alunos festejam a independência (SETE..., 1978, p. 10).	Cobertura do desfile estudantil principal; destaque para as bandas marciais. A ordem de desfile.
1978	No dia da raça, a homenagem do estudante paraense ao Brasil (NO DIA..., 1978, p. 08).	Destacam cobertura do desfile estudantil principal.
1979	Jogos e atletismo abrem a festa da independência (JOGOS..., 1979, p. 15).	Destaca a cobertura da abertura dos XXI Jogos Estudantis e as apresentações dos colégios.
1979	Desfiles escolares movimentam os bairros (DESFILES..., 1979, p. 08).	Cobertura dos desfiles nos bairros. Escolas de 1º grau (rede estadual e municipal) e particulares.
1979	Maternal e alfabetização desfilaram pela independência (MATERNAL..., 1979, p. 12).	Atividades da semana da pátria nas escolas infantis.
1979	As imagens da festa dos estudantes (AS IMAGENS..., 1979, p. 10).	Cobertura do desfile estudantil. Destaque para o retorno das torcidas.
1980	Atletismo por dois mil alunos abre festas da semana da pátria (ATLETISMO..., 1980, p. 09).	Abertura da Semana da pátria com os Jogos Estudantis (JOPAGICO).

1980	Nove mil escolares desfilam hoje na Magalhães Barata (NOVE..., 1980, p. 09).	Apresenta a programação do desfile, ordem de desfile e planejamento.
1980	Jovens homenageiam João Paulo e olimpíadas no desfile escolar (JOVENS..., 1980, p. 06).	Cobertura do desfile estudantil do dia da raça.
1980	Um carnaval no rastro da última banda (UM CARNAVAL..., 1980, p. 13).	Cobertura fotográfica do evento; amplo destaque para o CEPC.

Fonte: Autoria própria.

No interlúdio temporal da década de 1970, houve um total de trinta e oito (38) matérias acerca da festa cívica da Semana da Pátria<sup>iv</sup>. Distribuídas por ano da seguinte forma: 1971 – cinco (5) matérias; 1972 – cinco (5) matérias; 1973 – três (3); 1974 – sete (7) matérias; 1975 – cinco (5) matérias; 1976 – sete (7) matérias; 1978 – seis (6) matérias; 1979 – cinco (5) matérias; e em 1980 – quatro (4) matérias.

Em cada ano da década estudada, foi possível observar basicamente uma matéria para cada dia da Semana da Pátria. Então, a média fica entre cinco e sete matérias por ano. O ano de 73 é o que demonstrou menos achados, mas acredita-se que isso deva-se à conservação do acervo, visto que todos os jornais, desse período, foram microfilmados e muitos já estavam em condições bem degradadas para a realização do processo, segundo os profissionais da Hemeroteca da Biblioteca Pública Artur Vianna.

Segundo Barros (2012), o campo da História subdivide-se em “dimensões, abordagens e domínio”. As dimensões dizem respeito ao enfoque epistemológico; as abordagens referem-se aos métodos; e o domínio a um campo temático. Com base nisso, é possível dizer que esta pesquisa circunscreve-se à História do Imaginário, pela abordagem da análise do discurso simbólico, proposta por Gilbert Durand (1985); e no domínio da História da Educação, conforme Saviani, Lombradi e Sanfelice (2018).

Durand (1997), apesar de considerar todo imaginário coletivo, também aponta que há hegemonia de imaginários em detrimentos de outros, os quais denomina consolidados ou latentes. Ou seja, há espaço para resistências e lutas contra imaginários muito consolidados socialmente.

Para Durand (2010), o imaginário é um sistema social e coletivo que congrega um conjunto de imagens sobre a realidade e assumem-se pela própria realidade em si. Na constituição de um sistema imaginário há a integração de unidades simbólicas, os *mitemas*. Em conjunto, certos mitemas soerguem sistemas imaginários preponderantes e bastante difundidos por todos. E uma vez que tais imaginários transitam socialmente por meio da

linguagem, a maneira como são organizadas as estruturas sintáticas e semânticas atribui-se um extrapolamento do significado usual das palavras, para uma inovação que é própria da construção simbólica (DURAND, 1993).

Como desenvolver a metodologia durandiana? O primeiro passo é considerar que as ligações simbólicas que compõem um mito consistem na sincronicidade e na redundância, na repetição. Assim,

O mito não raciocina nem descreve: ele tenta convencer pela repetição de uma relação [...] a contrapartida desta particularidade é que cada mitema – ou cada ato ritual é o portador de uma mesma verdade relativa à totalidade do mito ou do rito” (DURAND, 2010, p. 86).

Segundo Durand (2010), três procedimentos que ajudam a soerguer as imagens mítico/simbólicas dos discursos: a) em primeiro lugar observar as redundâncias para o levantamento dos temas. Temas esses que assumem-se no discurso por transfiguração simbólica, quer dizer, que sofre adjetivação e/ou assume uma representação que transborda o sentido literal do termo/expressão utilizada – um mitema; b) o segundo procedimento é perceber que esses mitemas expressam-se no/e por um contexto discursivo, observar a tessitura discursiva e a maneira pela qual se combinam estruturalmente cenários, atores, ações – observar as sincronias estabelecidas entre esses mitemas na conformação de um mito; c) e, por último, considerar a natureza diacrônica do mito, isto quer dizer, correlações entre mitos de diferentes contextos históricos (DURAND, 1985; 1993; 1997; 2010).

### **3. Análise e discussões**

Nessa seção, apresenta-se a dinâmica de organização dos festejos da pátria durante a semana do 01 a 07 de setembro, a partir dos discursos do jornal impresso *O Liberal*. Essa descrição faz-se importante para demonstrar como os rituais manifestavam-se e reproduziam-se ano a ano. O que converge para a ideia de atualidade simbólica aperfeiçoante de Durand (1993), dado o modo como símbolos e imagens republicanas atualizam-se e aperfeiçoam-se historicamente, de modo a mobilizar a sociedade para determinados projetos políticos, reformas sociais e morais, para os quais a educação teve papel fundamental.



A Semana da Pátria adotava o seguinte cronograma: sua abertura ocorria com os Jogos Estudantis; o desfile dos estudantes no dia da Raça, normalmente ocorrido no dia 5 de setembro; e a Parada Militar no dia 07 de setembro. Em 72, é a primeira vez que é visto no discurso do jornal *O Liberal*, de forma evidente, a relação entre as “Torcidas Organizadas” e a violência, ocorridas em virtude do Festival de Canto Orfeônico, que acontecia geralmente no dia 04 de setembro.

Em 73, observou-se que houve um acréscimo ao cronograma da Semana, com a aparição de uma matéria sobre os desfiles de Bairro ou desfiles no subúrbio. O jornal destaca que, em virtude de o desfile oficial das escolas ter crescido muito, as escolas, principalmente às de 1º grau<sup>v</sup>, começaram a realizar desfiles nos seus bairros de sítio. Em 74, há outra novidade, uma matéria sobre o “Festival de Canto Orfeônico” que, conforme a leitura do *corpus*, encontra-se na gênese da composição das “Torcidas” que posteriormente, degingolaram na “Rivalidade entre as escolas”. Situação discutida à frente.

#### **4. Ritos competitivos: conformação das torcidas organizadas**

Além dos desfiles que aconteciam na Semana da Pátria, também se contava com a programação do Canto Orfeônico, dos Jogos Estudantis e do concurso de bandas marciais. Essas atividades eram a representatividade da disciplina, do civismo e da educação artística. As festas cívicas e sua relação com a educação, como propõe Souza (2009) funcionava simbolicamente como o *altar da pátria*, principalmente a partir do valor tríplice – físico, moral e intelectual. Como é possível observar a seguir.

##### **4.1 Jogos estudantis**

As atividades esportivas faziam parte dos rituais patrióticos, como abertura da Semana da Pátria. As autoridades faziam-se presentes, assim como no dia do desfile estudantil, pois havia uma cerimônia de abertura em que um aluno/atleta era responsável por acender a pira olímpica. Essa cerimônia aparece no discurso do jornal como uma cerimônia cívica, demonstrando a estabelecida relação entre esportes e os valores do regime militar.

Em 1971 contava-se XVII Jogos Paraenses Ginásio-Colegiais (JOPAGICO), ou seja, era uma prática que antecedia o golpe militar de 1964, mas que assumiu um caráter específico durante tal regime. Em 72, a nomenclatura muda para Jogos Estudantis Paraenses, embora

*Rivalidade entre as escolas estaduais de Belém-Pa: uma reconstrução histórica a partir dos jornais impressos da década de 1970*

continue a contagem (XVIII – Jogos Estudantis Paraenses). Os jogos estudantis marcavam a abertura e encerravam-se juntamente com a programação da Semana.

Nos anos de 73 e 74 não houve menção pelo jornal aos Jogos Estudantis. Mas, há no dia 07/09/1974, a cobertura de meia página das Olimpíadas da Escola Tenente Rêgo Barros. Demonstrando que, os esportes, em diferentes modalidades, têm uma simbologia marcante no discurso, sobretudo, imagético de *O Liberal*. Como se vê na Figura 1:

**Figura 1 – Presença dos esportes no próprio desfile**

Fonte: Jornal *O Liberal*. Hemeroteca da Biblioteca Pública Arthur Vianna (2022).



Em 1975, a Abertura da Semana da Pátria iniciou com as apresentações de Canto Orfeônico, temática abordada na próxima seção. Mas, destaca-se competições esportivas nas próprias escolas e demonstrações de Educação Física na Escola Superior de Educação Física. Em 1976 também nenhuma menção aos jogos. Em 77, a abertura da Semana da Pátria foi no Ginásio de Esportes, sem indicar relação com os Jogos Estudantis.

Em 78, é visto ressurgir no discurso do jornal menção a esse momento, como “[...]Um dos pontos altos da programação da Semana da Pátria” (*O Liberal*, 1978). Evento que os militares “colaboram”. Os que antes se configuravam como promotores agora assumem papel de colaboração pelo que vai entrevedo-se o enfraquecimento do regime.

Em 79, as Autoridades Cívicas são as únicas em destaque (Governador, Secretário de Educação, um representante do MEC em visita e a coordenadora da Merenda Escolar), os retomam seu protagonismo como atividade de Abertura da Semana e com maior visibilidade no jornal.

Em 80, último ano da década em estudo, há uma matéria de meia página, intitulada “Atletismo por dois mil alunos abre festas da Semana da Pátria” (*O Liberal*, set. 1980), onde destaca-se os XXII Jogos Estudantis como cerimônia de abertura à Semana. Nesse ano, alguns representantes militares configuram, no discurso jornalístico, como partícipes do *hall* de Autoridades que prestigiaram o evento.

#### **4.2 Canto Orfeônico**

Em 74, tem-se uma matéria do dia 05/09 que aponta a origem do Evento do Canto Orfeônico “[...] há três anos atrás” (*O Liberal*, 1974, p. 16), quer dizer, em 71, datação que se questiona, uma vez que o próprio jornal menciona em matéria de 72 que, até 71 o evento tinha caráter de competição o que muda por “[...] prevenção contra os excessos provocados pelas torcidas que eventualmente degeneravam em violência” (*O Liberal*, 1972, p. 13).

Supõe-se, portanto, por esses indícios que o festival de canto orfeônico seja mais antigo e tenha papel importantíssimo na constituição das torcidas organizadas das escolas, pois, é na matéria de 71 que há primeira menção às torcidas das escolas que se organizavam na plateia para “torcer” pelas suas escolas no momento de apresentação dessas.

Em 72, há menção da perda do caráter competitivo tentando compensar “[...] Embora não haja mais o aspecto competitivo nessa apresentação nem por isso o conagraçamento e o entusiasmo entre os estudantes foram menores” (*O Liberal*, 1972, p. 13).

Até 71, o Festival de Coros tinha caráter de competição, o que foi desfeito pelo secretário de educação da época (Jonathas Athias) por causa da violência entre as torcidas; percebe-se que ele já identificava que era o caráter da disputa, da competição que incitava os confrontos entre as torcidas). O que se demonstra no excerto de *O Liberal*:

[...] O festival de coros, que tradicionalmente se realiza dias antes do desfile escolar, a partir do ano passado perdeu seu caráter de disputa, medida adotada pelo prof. Jonathas Athias, Secretário de Educação, para aumentar o clima de conagraçamento que deve existir entre os estabelecimentos de ensino, e como prevenção contra os excessos, provocados pelas torcidas, que eventualmente degeneravam em violência. (*O Liberal*, 1972, p.13).

O Festival de Coros ou Festival de Canto Orfeônico fazia parte das comemorações da Semana da Pátria que tradicionalmente realizava-se no dia 04/09, antes do desfile escolar. Isso aconteceu até o ano de 75 e depois não há mais menção no jornal a respeito

*Rivalidade entre as escolas estaduais de Belém-Pa: uma reconstrução histórica a partir dos jornais impressos da década de 1970*

dessa atividade. Em 74, o festival ganha bastante destaque com uma matéria de página inteira. As informações obtidas por meio dos dados em análise, indica ter sido uma atividade criada pela Secretaria de Educação e Cultura, em 71. Ano em que se notou a relação nítida entre o festival de canto – competições – rivalidades e violência.

**Figura 2** – Festival de Coros (1975)



Fonte: *Jornal O Liberal*. Hemeroteca da Biblioteca Pública Arthur Vianna (2022)

O festival era realizado no Ginásio Serra Freire, e no ano de 75 constituiu-se como atividade de abertura da Semana da Pátria. Na matéria de 02/09/75, fala-se em “assistência” para representar os alunos das diversas escolas participantes que aplaudiam. Mas, o termo “torcida” e “torcidas organizadas” também são utilizados, não só em 72 quando alia as torcidas a atos violentos, mas em outros contextos de “congratamento”, como nas matérias de 74 e 75.

Dessa forma, o canto e a música como meio educativo e disciplinador, a educação física e os esportes também como disciplina aos corpos e mentes, e para preparação física para possíveis guerras, faziam parte de um itinerário de formação cívica. A juventude já se fazia alvo de medidas “cívicas” ainda mais detidamente desde a “Reforma Capanema” que instituiu os Centros Cívicos em 1940 (SOUZA, 2009). O que é demonstrado, em *O Liberal*, que indica a participação da Coordenadora da Comissão Setorial de Moral e Civismo da SEDUC, Maria Luiza Vela Alves.

Pouco a pouco, percebe-se que esses itinerários de atividades competitivas vão transformando a relação entre as escolas, e que a própria natureza das atividades exige e/ou contribui sobremaneira para conformação das torcidas das escolas, acirrando sentimentos de defesa de suas escolas, de seus uniformes e de suas bandeiras, transformando estudantes em “combatentes”.

#### 4.3 Desfile escolar e Imagens da (s) juventude (s)

A imagem da juventude, na verdade, deve ser tomada como imagem das juventudes no plural. Isto porque há uma clivagem de gênero em relação às representações de juventude. Vários títulos, nos diferentes anos da série em análise, destacam a juventude e/ou os jovens. Em 71: “Juventude: confiança no Brasil de amanhã”; em 73: “17 mil jovens no desfile do dia da raça em Belém”; em 74: “Quinze mil jovens no desfile hoje”; e em 75: “No desfile da juventude, sons, ritmos e cores”. Isto não quer dizer que nos outros anos a “Juventude” não fosse protagonista, em outros anos há títulos com a expressão “estudantes” que são como sinônimas nas palavras de *O Liberal*.

Figura 3 – Imagem dos jovens rapazes (1971)



Fonte: Jornal *O Liberal*. Hemeroteca da Biblioteca Pública Arthur Vianna (2022)

À “Juventude”, de uma maneira geral, propunha-se a papéis, que se adotados fariam o país crescer e a Amazônia a desenvolver-se – amor à pátria, civismo, disciplina, trabalho, empenho etc. Ao estudante/jovem homem expressões como *garbo*, *atleta*,



*Rivalidade entre as escolas estaduais de Belém-Pa: uma reconstrução histórica a partir dos jornais impressos da década de 1970*

*inteligentes, disciplinados, serenidade, respeito à pátria, elegantemente uniformizados e futuros dirigentes do Pará, são comuns e recorrentes. Apresentam os rapazes por características, tais como: beleza, inteligência, competência, futuro profissional e cidadãos que contribuirão com o desenvolvimento de sua região e nação.*

Há nessa representação, ao considerar Bourdieu (2012), uma lógica de dominação, exercida de maneira simbólica, a tal ponto enraizada na cultura que é reconhecida tanto pelo dominante quanto pelo dominado. Vejamos, nas palavras do referido autor, como se dá essa dinâmica de estruturação simbólica dos papéis sociais de gênero:

[...] as mulheres, submetidas a um trabalho de socialização que tende a diminuí-las, a negá-las, fazem a aprendizagem das virtudes negativas da abnegação, da resignação e do silêncio, os homens também estão prisioneiros e, sem se aperceberem, vítimas, da representação dominante. Tal como as disposições à submissão, as que levam a reivindicar e a exercer a dominação não estão inscritas em uma natureza e têm que ser construídas ao longo de todo um trabalho de socialização, isto é, como vimos, de diferenciação ativa em relação ao sexo oposto. Ser homem, no sentido de vir, implica um dever-ser, uma virtude, que se impõe sob a forma do "é evidente por si mesma", sem discussão. Semelhante à nobreza, a honra que se inscreveu no corpo sob forma de um conjunto de disposições aparentemente naturais, muitas vezes visíveis na maneira peculiar de se manter de pé, de aprumar o corpo, de erguer a cabeça, de uma atitude, uma postura, às quais corresponde uma maneira de pensar e de agir, um *éthos*, uma crença etc. governa o homem de honra, independentemente de qualquer pressão externa. (BOURDIEU, 2012, p.63).

Quer dizer, longe de essas posições de gênero serem naturais, ao contrário, estão fortemente sendo introjetadas, em boa medida, pelo ato educacional, em ambos os sexos.

A legenda da Figura 4 deixa bem claro o papel social que se espera desenvolver: “*Os homens que dirigirão o Pará de amanhã passam, garbosos e disciplinados, juventude que se aprimora nos conhecimentos para engrandecer sua terra*” (O Liberal, 1971, p.8). Ou seja, aos rapazes estava resguardado o direito ao crescimento profissional e o reconhecimento de suas faculdades intelectuais.

A mulher ganha destaque por sua beleza e civismo, este que tem sentido de disciplina, obediência à regra e às circunstâncias que lhe cabem enquanto mulher naquela sociedade “[...] não erraram o passo [...]” diz a matéria (O Liberal, 1974, p.16).

**Figura 4 – Imagem das estudantes jovens (1972)**Fonte: Jornal *O Liberal*. Hemeroteca da Biblioteca Pública Arthur Vianna (2022)

Como é possível observar, a imagem representa um grupo de jovens/adolescentes com minissaias. Trajes tais como, minissaia, *collant*, shortinho e fantasias, são comuns nas imagens dos jornais analisados, ao representar as jovens meninas. Esse é só um dos muitos exemplos imagéticos na série de matérias investigadas de *O Liberal*, que trazem a figura da jovem estudante pela beleza, graciosidade e fragilidade porque são destacadas como o maior número de atendimentos em virtude de desmaios.

De acordo com Silva e Silva (2021) há nessas representações o simbolismo da feminização, fragilidade e hiper sexualização do corpo feminino, que é vendido como espetáculo pelo veículo midiático. O que Bourdieu (2012) chama de propriedade corporal.

Importante se faz refletir a partir de Bourdieu (2012) acerca da construção socioeducacional simbólica dos papéis de gênero em nossa sociedade, de modo a percebê-la como uma operação de dominação, que se dá por meio desses ritos e representações simbólicas que vão sendo socializadas nos diferentes âmbitos da cultura, de modo a incutir formas de ser e agir nos dominados e dominantes, para a manutenção dessa mesma ordem de hierarquização entre homens e mulheres.

#### **4.4 Festival de Bandas do Pará**

Nesse momento, apresenta-se um evento que não acontecia no percurso da Semana da Pátria, mas que tinha forte relação com os festejos pátrios, e que pela apreciação dos jornais, observa-se ser uma atividade que dava continuidade ao espírito pátrio, incitado durante a semana de 01 a 07 de setembro. Evento esse que também se revela por sua intensa contribuição para conformação da rivalidade entre as escolas que era denominado de Festival de Bandas do Pará, cuja primeira edição aconteceu em 74.

## *Rivalidade entre as escolas estaduais de Belém-Pa: uma reconstrução histórica a partir dos jornais impressos da década de 1970*

De acordo com o *corpus* desta pesquisa, tal festival ocorria com o patrocínio do Lions Clube Belém, com a finalidade de incentivar essa atividade entre o “estudantado” paraense, cujo objetivo consistia em premiar as melhores bandas dentre àquelas que já haviam se apresentado no desfile das escolas do Dia da Raça, só que agora com carácter demarcadamente competitivo, pois além da premiação com troféus, havia a composição de um corpo de jurados, formados por autoridades e personalidades importantes da sociedade paraense da época, tais como: ex-governadores e maestros das bandas do Exército, da Marinha, da Aeronáutica, da Polícia Militar, do Corpo de Bombeiro, do Conservatório Carlos Gomes e do Centro de Atividades Musicais da Universidade Federal do Pará, o que significava prestígio e amplo reconhecimento aos estudantes das bandas e suas respectivas escolas.

Segundo os jornais analisados, eram levados em consideração para o julgamento 10 (dez) itens: a) uniforme; b) brilho; c) alinhamento; d) cobertura; e) cadência; f) garbo; g) afinação h) melodia (toque de corneta); i) volume da intensidade do ritmo; j) apresentação geral do desfile. Assim como nos desfiles do Dia da Raça, o público ou “torcidas”, como citado no jornal, também se faziam presentes no festival, onde ocorriam acirradas disputas.

O Jornal sempre frisava a quantidade numerosa dos telespectadores, inclusive, em 78, a quantidade de público foi manchete com o seguinte título: “Mais de mil pessoas no V festival de bandas”, além de sempre informarem que esse público estava dividido em torcidas das escolas participantes, que sempre entoavam por meio de faixas e cantos quais eram suas favoritas. Em 77, o jornal cita que no ano anterior (1976), a apresentação do colégio Paes de Carvalho se tornou uma balbúrdia, em menção às atitudes das torcidas “rivais” presentes.

Logo, é possível, mais uma vez, perceber o quanto o conjunto de atividades que aconteciam no mês de setembro, em comemoração à Semana da Pátria contribuíram para que os alunos de escolas distintas se vissem cada vez mais como rivais e adversários, em busca de premiações e reconhecimento social.

### **5. Considerações finais**

No âmbito educacional, a década de 1970 teve como fator marcante a formação da nacionalidade e identidade coletiva dos estudantes por meio das festas cívicas. As principais comemorações eram: a Semana da Pátria no dia 07 de setembro, o Dia da



Bandeira no dia 19 de novembro, o Aniversário do Estado Novo no dia 10 de novembro, o Culto ao Pavilhão Nacional nos Grupos Escolares, entre outras (SILVA, 2009). Tal processo tinha como objetivo criar uma manifestação de identidade cultural que envolvia os professores, os alunos, a família dos estudantes e a sociedade em geral que ia para assistir.

A Semana da Pátria era dada por uma organização em que conjugava reverência às autoridades e aos símbolos nacionais e conseqüentemente ao regime, que era consolidada pela presença sempre numerosa de público e adesão de escolas e quantitativos de alunos. Essa articulação simbólica atendia a objetivos próprios não só do regime militar, mas de um construto imaginário de República e Cidadania que se atualiza como narrativa mítica no intercurso dos diferentes períodos históricos, desde a Proclamação da República. Um investimento liberal histórico para as juventudes das camadas populares e para a manutenção das estruturas que soerguem as desigualdades.

Desse modo, notou-se a potência dessas festividades aliadas a normativa da escola para a promoção do “jovem certo”, o jovem cidadão que queria dizer disciplinado, ordeiro e comprometido com o progresso; jovens os quais eram testados(as) em diferentes atividades competitivas durante a Semana para a seleção dos “melhores”, o mérito de ascender a cidadão. Nesse sentido, alguns símbolos emergem e consolidam mitos.

Evidenciou-se, assim, diferentes mitemas constituintes de um sistema imaginário como a narrativa consubstanciada pelo e/no jornal que convergiam para sistemas imaginários acerca da Semana da Pátria, da Juventude e seu papel social, o papel da escola naquele período, e, nesse complexo discursivo historiográfico, é possível perceber que para além das intenções e/ou objetivos originais, os ritos, as competições, o modelo educacional militarizado e de cidadania liberal confluíram para o engendramento da própria rivalidade em si.

### Referências

ALVES, C. M. C. Participação do Exército na Proclamação da República: revendo a questão militar. SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 22., 2003, João Pessoa. **Anais [...]**. João Pessoa: ANPUH, 2003.

BAPTISTA, L. P. Controle Social e Cidadania. **Diálogo público**, 2004. Disponível em: <https://shre.ink/kFK6>. Acesso em: 23 jan. 2023.

BARROS, J. D'A. **O campo da história: especialidades e abordagens**. Petrópolis: Vozes, 2012.

*Rivalidade entre as escolas estaduais de Belém-Pa: uma reconstrução histórica a partir dos jornais impressos da década de 1970*

BASILE, M. O. N. C. Festas cívicas na Corte regencial. **Varia História**, Belo Horizonte, v. 22, n. 36, p.494-516, 2006. Disponível em: <https://shre.ink/kFKO>. Acesso em: 5 jan. 2023.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 11. ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

DURAND, G. Sobre a exploração do imaginário, seu vocabulário, métodos e aplicações transdisciplinares: mito, mitanálise e mito crítica. **Revista da Faculdade de Educação**, [S.l.], v. 11, n. 1-2, p. 244-256, dez. 1985. Disponível em: <https://shre.ink/kFKF>. Acesso em: 24 jan. 2023.

DURAND, G. **A imaginação simbólica**. Lisboa: Edições 70, 1993.

DURAND, G. **As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

DURAND, G. **O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem**. 4. ed. Rio de Janeiro: Difel, 2010.

GUILHERME, K. C. S. **Ditadura militar e educação: uma análise do centro cívico escolar (1971 – 1986)**. 2011. 154 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

IWAYA, M. **Os Rituais e o cotidiano escolar** – Instituto de Educação do Paraná Professor Erasmo Pilotto (1940 – 1960), 2002. Disponível em: <https://shre.ink/kFKu>. Acesso em: 17 maio 2022.

LOPEZ, A. A. **Como descrever documentos de arquivo: elaboração de instrumentos de pesquisa**. São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa Oficial, 2002.

MATTOS, I. R. Do Império à República. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, p. 163-171, dez. 1989. Disponível em: <https://shre.ink/kFKL>. Acesso em: 24 jan. 2023.

RESUMO DO CORPUS DE MATÉRIAS, 2010. **O Liberal**. Hemeroteca da Biblioteca Pública Arthur Vianna. 2020.1 quadro. Acesso em: 5 jan. 2023.

PRESENÇA DOS ESPORTES NO PRÓPRIO DESFILE, 1974. **O Liberal**. Hemeroteca da Biblioteca Pública Arthur Vianna. 1 figura. Acesso em: 5 jan. 2023.

FESTIVAL DE COROS (1975). **O Liberal**. Hemeroteca da Biblioteca Pública Arthur Vianna. 2 figura. Acesso em: 5 jan. 2023.

IMAGEM DOS JOVENS RAPAZES, 1971. **O Liberal**. Hemeroteca da Biblioteca Pública Arthur Vianna. 3 figura. Acesso em: 5 jan. 2023.

IMAGEM DAS ESTUDANTES JOVENS, 1972. **O Liberal**. Hemeroteca da Biblioteca Pública Arthur Vianna. 4 figura. Acesso em: 5 jan. 2023.

PRADO, G. V. T.; MORAIS, J. F. S. Inventário: organizando os achados de uma pesquisa. **Entrever**, Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 137-154, 2011. Disponível em: <https://shre.ink/kFKb>. Acesso em: 22 maio. 2023.

SAVIANI, D.; LOMBARDI, J. C.; SANFELICE, J. L. (org.). **História e história da educação: o debate teórico-metodológico atual**. Campinas: Autores Associados: HISTEDBR, 2018.

SOUZA, R.F. **Alicerces da pátria: história da escola primária no estado de São Paulo (1890-1976)**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2009.

SILVA, S. N.; SILVA, L. S. Graceful girls and disciplined boys: gender social roles and intersections with the history of rivalries between state schools in Belem-Pa in the images of the journal "The Liberal" (1971-1980). **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 10, n. 12, p. e430101220671, 2021. Disponível em: <https://abrir.link/dklCo><sup>vi</sup>. Acesso em: 12 jun. 2023.

SILVA, V. C. Meninas patriotas: os desfiles cívicos na cidade de João Pessoa (1937-1945). In: SEMINÁRIO NACIONAL GÊNERO E PRÁTICAS CULTURAIS: CULTURAS, LEITURAS E REPRESENTAÇÕES, 2., 2009, João Pessoa. **Anais**. João Pessoa: UFPB, 2009. p. 1-11.

SILVA, V. L. G. S.; PETRY, M. G. A aventura de inventariar: uma experiência no Museu da Escola Catarinense. **Rev. bras. hist. educ.**, Campinas, v. 11, n. 1-25, p. 19-41, jan./abr. 2011.

## Notas

---

<sup>i</sup> Esse trabalho teve financiamento do Programa de Iniciação Científica – PIBIC/PRODUTOR: Programa de Apoio ao Doutor Pesquisador, da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PROPESP).

<sup>ii</sup> Levantamento realizado na base de dados da CAPES periódicos.

<sup>iii</sup> Observou-se pelo levantamento que o Jornal *O Liberal* é o único da cidade com longevidade ininterrupta para os objetivos deste artigo.

<sup>iv</sup> Todas as matérias e o inventário completo podem ser consultadas na íntegra pelo link: <https://drive.google.com/drive/folders/1XTMsjNZ3FCCaOwfcGGA2xKSISwDtCAru?usp=sharing>.

<sup>v</sup> Nomenclatura utilizada na época e que atualmente corresponde ao Ensino Fundamental.

## Sobre as autoras

### Geórgia Carneiro da Silva

Licenciada Plena em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará. E-mail: [geor.gia1871@gmail.com](mailto:geor.gia1871@gmail.com). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3989-5975>.

### Livia Sousa da Silva

Doutora em Ciências Sociais (Sociologia), pela Universidade Federal do Pará (UFPA) com Pós-Doc. em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED/UFPA); Mestre em Educação (Currículo e Formação de Professores), pela Universidade Federal do Pará (UFPA); Especialista em Psicopedagogia Educacional com ênfase em psicopedagogia preventiva, pela Universidade do Estado do Pará (UEPA); licenciada plena em Pedagogia pela Universidade do Estado do Pará (UEPA). Coordenadora do Laboratório de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares sobre História da Educação e Formação de Professores -

*Rivalidade entre as escolas estaduais de Belém-Pa: uma reconstrução histórica a partir dos jornais impressos da década de 1970*

---

LABINVE. Atualmente, Professora Adjunta no Instituto de Ciências da Educação da Universidade Federal do Pará - UFPA, Faculdade de Educação. Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação Básica - PPEB (UFPA) - Linha de Pesquisa História da Educação Básica. E-mail: [liviasulva@ufpa.br](mailto:liviasulva@ufpa.br). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1652-1041>.

Recebido em: 11/04/2023

Aceito para publicação em: 19/05/2023